

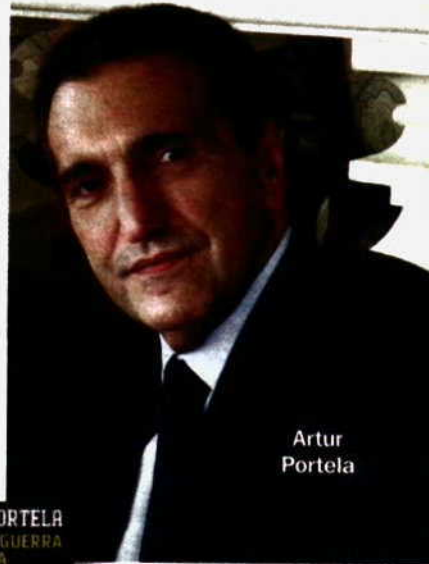


Artur Portela

Memórias afectivas

Diz não ter sido premeditado, mas é difícil olhar para a República da Istmânia desenhada em *A Guerra da Meseta* – último romance de Artur Portela – e não reconhecer Portugal. Max, o protagonista, viaja pelas suas memórias e, ao fazê-lo, evoca a história política e social de um país cinzento, amordaçado pela Censura, vivendo sob a alçada do seu Ductor.

É o regresso ao romance de Artur Portela, que fez a sua estreia literária em 1960, com *A Gravata Berrante*, revelando desde logo a sua veia crítica e satírica. Ao JL, o escritor e antigo jornalista – tal como o pai –, autor de *Fotomontagem* (1978), *A Manobra de Valsalva* (2002) e *Os Peixes Voadores* (2006), entre outros, explica que o seu mais recente romance é um ajuste de contas consigo mesmo e com as memórias que carrega. Um livro sobre o amor e a morte, a guerra e o jornalismo.



Artur Portela

Jornal de Letras: Foi seu objectivo que as pessoas olhassem para esta República da Istmânia e vissem Portugal?

Artur Portela: Quis que este livro fosse sobre a guerra, e não sobre a guerra X; sobre a cidade, mais do que sobre determinado bairro; sobre a ditadura, a agressividade, o autoritarismo, o machismo, e não sobre a denúncia de uma qualquer situação política. Não excludo Portugal, nem podia, mas não quis fazer uma história aos quadradinhos, de uma sucessão de coisas que eu vivi. Mesmo que quisesse, estava a inventar. Nós idealizamos tudo aquilo que vivemos. Mesmo no momento em que vivemos algo, estamos a olhá-lo, inventá-lo, imaginá-lo.

Mas este é um livro auto-biográfico?

Todos os livros o são. Este é um pouco mais do que esse sentido genérico, na medida em que o protagonista – que surge, primeiro como criança, depois como adolescente, depois como jovem adulto, depois como homem de meia-idade e depois como idoso – tem bastante a ver com a minha experiência.

Aqui está muito presente a figura do seu pai, o ambiente das redacções...

Não digo que seja totalmente o meu pai, mas há reminiscências dele. A minha primeira redacção



■ **Artur Portela, A GUERRA DA MESETA, Do m Quixote, 384 pp, 16 euros.**

foi o *Diário de Lisboa*, para o qual entrei com 18 anos. Foi o meu primeiro jornal e o primeiro emprego. É natural que haja uma memória, e que o meu pai possa ser evocado. Mas não pretende ser um retrato, um registo daquilo que ele foi e fez. Não é essa a matéria do romance, da ficção. A memória não é rigorosa, mesmo quando quer ser. E esta é uma memória afectiva, estilizada, simbólica. A própria fotografia – e falo muito de fotografias no livro – é pintada, desenhada, inventada, escolhida, tirada com maior ou menor luz. Essa é a sua abundância e riqueza; não é a chapa fria que dispara.

É possível identificar, como é sua característica, uma narrativa cinematográfica...

Sim, gosto muito de cinema. Estou sempre a escrever, a ver, a realizar e a montar, com várias perspectivas, com cortes e sequências. Gosto da proliferação de pontos de vista, da colocação de várias câmaras. Quando era adolescente chegava a ver dezenas de filmes por semana e isso teve uma importância capital para mim. Há muito cinema na Literatura: eu leio *Hemingway* e vejo cinema. Muitos dos autores fundamentais para mim são cinematográficos.

MARIANA BÉU CARVALHO